



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Jéssica Brandão de Oliveira

**O ENIGMA DE CAPITU: UM OLHAR SOBRE A OBRA DOM CASMURRO, DE
MACHADO DE ASSIS**

Delmiro Gouveia

2019

JÉSSICA BRANDÃO DE OLIVEIRA

O ENIGMA DE CAPITU:

UM OLHAR SOBRE A OBRA DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção de título de graduada em Letras Português.

Orientador: Prof. Márcio Ferreira da Silva

Delmiro Gouveia

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

O48e Oliveira, Jéssica Brandão de

O enigma de Capitu: um olhar sobre a obra Dom Casmurro, de Machado de Assis / Jéssica Brandão de Oliveira. - 2019.
50 f.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Literatura brasileira – Romance. 2. Dom Casmurro – Livro. 3. Capitu – Personagem. 4. Assis, Joaquim Maria Machado de, 1839-1908. 5. Realismo. 6. Representação sociocultural. I. Título.

CDU: 82-31

FOLHA DE APROVAÇÃO

JÉSSICA BRANDÃO DE OLIVEIRA

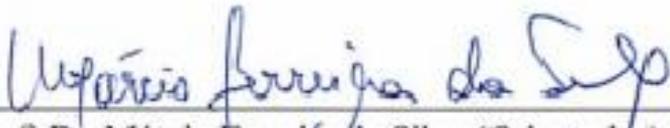
O ENIGMA DE CAPITU:

UM OLHAR SOBRE A OBRA DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS

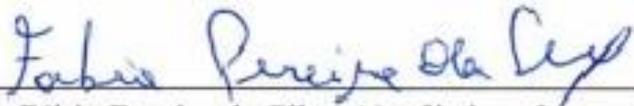
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção de título de graduada em Letras Português.

Aprovado em: 03 Outubro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas – *Campus do Sertão*


Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho (Avaliador externo)
Universidade Federal de Alagoas - *Campus do Sertão*


Prof. Dra. Fábila Pereira da Silva (Avaliadora Interna)
Universidade Federal de Alagoas – *Campus do Sertão*

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

CALCUTÁ, de Madre Teresa

Dedico esta pesquisa à minha maior incentivadora, minha mãe. Pilar da minha formação como ser humano.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o maior responsável por minha existência, sem Ele eu não teria forças nem inspiração para continuar seguindo firme nessa jornada repleta de incertezas e inconstâncias.

À minha família, meu pai e meus amados irmãos, mas em especial ao meu maior exemplo de força, coragem e dedicação, minha saudosa mãe que sempre acreditou em mim e no quão longe eu poderia chegar um dia.

Ao meu esposo, o presente mais precioso que a Universidade me concedeu; aquele que contribuiu e contribui com parte do meu crescimento pessoal; o meu parceiro e melhor amigo.

Ao meu orientador, por ter contribuído dedicada e atenciosamente para a conclusão desta pesquisa.

À banca, por aceitar estar presente neste momento tão importante.

Aos professores do curso, semeadores de conhecimentos e exemplos de excelentes profissionais.

Aos amigos/irmãos de quem recebo amor e carinho tornando meus dias mais felizes.

Por fim, e não menos importante, aos amigos especiais que ganhei na Universidade e que guardarei eternamente em meu coração. Eles fazem parte dessa jornada.

Fui procurar a organização do romance do Machado, a razão que torna o Machado particularmente agudo, e descobri — talvez tenha me enganado, mas em todo caso creio ter descoberto — que o que dá um mordente particular à ficção dele é um sentimento agudo da injustiça de classe que se manifesta de maneiras muito veladas (SCHWARZ, 2000, p. 64).

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar as relações sociais vividas pelos personagens no romance **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, objeto de nossa pesquisa, voltando o *corpus* para o personagem-narrador e o enigma de Capitu. Ao realizar esta pesquisa, foi possível perceber a representação sociocultural de Capitu no século XIX, visto que o narrador constrói uma narrativa ambígua, fazendo com que o leitor ora duvide, ora acredite na inocência de Capitu, o que a torna símbolo de resistência e de ruptura das estruturas de poder da época. Neste sentido, esse estudo analisará o tema da traição, perpassando pelas personagens Bento, Capitu e Escobar, cujas relações sociais e psicológicas das personagens refletem os valores vigentes na sociedade patriarcal do final do século XIX e início do XX, época em que o romance foi escrito. Assim, observou-se a maneira como o narrador de Machado, de voz na primeira pessoa, apropria-se de estereótipos acerca da mulher e de, ao mesmo tempo, confrontá-la na condução do romance. Os resultados da pesquisa se mostram na análise da linguagem literária machadiana, que reforça a todo tempo a capacidade da mulher de enfrentar-se, dissimulada, ou não. Como embasamento teórico, tomou-se o pensamento crítico de Aguiar e Silva (2007), Brait (1985), Moisés (2006), Schwartz (2000) e Candido (1995 e 2011).

Palavras-chave: Realismo. Personagem. Narrador. Dom Casmurro. Machado de Assis.

ABSTRACT

This monograph analyzes the social relations lived by the characters in the novel **Dom Casmurro**, by Machado de Assis, object of our research, turning the corpus to the narrator character and Capitu's riddle. By conducting this research, it was possible to understand the sociocultural representation of Capitu in the nineteenth century, since the narrator builds an ambiguous narrative, making the reader sometimes doubt, sometimes believe in the innocence of Capitu, which makes it a symbol of resistance and rupture of the power structures of the time. In this sense, this study will analyze the theme of betrayal, going through the characters Benedict, Capitu and Escobar, whose social and psychological relationships of the characters reflect the values prevailing in patriarchal society of the late nineteenth and early twentieth, the time when the novel was written. So, we observed the way in which Machado's first-person voice narrator appropriates stereotypes about women and at the same time confronts her in the conduct of the novel. The results of the research are shown in the analysis of disguised or not. As a theoretical basis, we took the critical thinking of Aguiar e Silva (2007), Brait (1985), Moses (2006), Schwartz (2000) and Candido (1995 and 2011).

Keywords: Realism. Character. Storyteller. Dom Casmurro. Machado de Assis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A ESCRITA REALISTA DE MACHADO DE ASSIS	13
2.1 O narrador em Dom Casmurro	16
2.2 Capitu: uma personagem	19
3. DO OLHAR OBLIQUO E DISSIMULADO	22
3.1 Definindo Capitu	23
3.2 O jogo social da personagem.....	30
4. BENTO, CAPITU E ESCOBAR: UM TRIÂNGULO	33
4.1 O narrador fingidor.....	35
4.2 Capitu: virtude, vícios e vaidade	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

O romance **Dom Casmurro** foi publicado pela primeira vez em 1899, é o terceiro livro da chamada “trilogia realista” ou “obras primas do romance machadiano”, sendo um dos romances mais conhecidos de Machado de Assis. A obra, dividida em 148 capítulos, escrita em primeira pessoa narra a estória de Bentinho que, por várias circunstâncias contadas por ele, vai se fechando em si mesmo e por isso passa a ser conhecido como Dom Casmurro.

Sendo órfão de pai, Bentinho é criado com dedicação pela mãe, Dona Glória, e protegido do mundo pelos familiares: tia Justina, tio Cosme e o agregado José Dias. Ele é destinado à vida sacerdotal, em cumprimento a uma antiga promessa de sua mãe. No entanto, a vida do seminário não o atrai, pois já está apaixonado por Capitu, filha dos vizinhos e sua amiga de infância.

Apesar de comprometida pela promessa, D. Glória sofre com a separação do filho único, interno no seminário. Com a ajuda de José Dias e do amigo Escobar, Bentinho abandona o seminário e, em seu lugar, é ordenado um escravo. Passados alguns anos, entre o namoro e o casamento, Bentinho se forma em Direito e estreita a sua amizade com um ex-colega de seminário, Escobar, que acaba se casando com Sancha, melhor amiga de Capitu.

Do casamento de Bentinho e Capitu nasce Ezequiel. Passado um tempo, Escobar morre afogado. Os ciúmes de Bento vão aumentando, iniciando uma desconfiança por parte do marido, que aumenta, pois Ezequiel à medida que cresce, se torna cada vez mais parecido com Escobar fazendo com que o advogado desconfie que o filho seja fruto de uma traição do amigo com sua esposa. Bentinho tomado pelo ciúme, chega a planejar o assassinato da esposa e do filho, seguido pelo seu suicídio, mas não tem coragem. A tragédia se dilui e resulta na separação do casal.

Capitu viaja com o filho para a Europa, onde morre anos depois. Ezequiel, já moço, volta ao Brasil para visitar o pai, que constata a semelhança entre o jovem e o antigo colega de seminário. Ezequiel volta a viajar e morre no exterior. Bento, cada vez mais fechado em suas dúvidas, passa a ser chamado de casmurro pelos amigos e vizinhos e põe-se a escrever de sua vida.

Assim, a pesquisa tem como objetivo principal analisar as relações sociais vividas pelos personagens, voltando o olhar para o personagem-narrador e o enigma de Capitu. Haja

vista que Bentinho, através da sua narração e ciúme exacerbado, pressionava sobre seu caráter, contribuindo para sua essência enigmática, tendo em vista que o narrador constrói uma narrativa ambígua, fazendo com que o leitor ora duvide, ora acredite na inocência de Capitu. O que a torna símbolo de resistência e de ruptura das estruturas de poder da época.

Desta forma, a pesquisa em questão faz-se necessária, pois, ao analisar a obra percebemos que ela vai além da temática da traição da protagonista, perpassa pelas relações sociais e psicológicas das personagens, bem como reflete os valores vigentes na sociedade patriarcal do início do século XX, época em que o romance foi escrito, porém observamos que esses estereótipos criados acerca da mulher ainda são comumente empregados nos dias atuais.

Para tal, o recurso metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica embasada nas teorias literárias, cujo método consistiu em selecionar o material para a leitura que contribuiu para a análise, síntese e conclusão deste trabalho.

No primeiro capítulo abordamos a escrita realista do autor Machado de Assis, visto que as diferenças e inovações que o autor trouxe em suas obras, bem como os recursos de expressões e o modo de compor a narrativa e converter a realidade em ficção, resultaram em surpresa e perplexidade para os críticos e leitores; Machado buscou compreender os mecanismos que determinam as ações humanas, sejam elas resultantes da ação que o meio social exerce sobre cada indivíduo ou de natureza espiritual, mostrando seu interesse na sondagem psicológica em suas obras. Além disso, discorreremos sobre a visão teórica acerca do narrador em **Dom Casmurro** e da personagem utilizando, para isso, autores como: Aguiar e Silva (2007), Brait (1985), Massaud Moisés (2006) e Candido (1995 e 2011).

No segundo capítulo fizemos uma análise da personagem Capitu, bem como abordamos o seu jogo social. Uma vez que desde que nos é apresentada, já na sua adolescência, a menina de “olhar oblíquo” e “dissimulada” é uma personagem de personalidade forte e que possui voz, no sentido de quem sabe o que quer. Se mostra uma menina/mulher determinada, que não hesitava em assumir um posicionamento, sendo muito avançada para sua época.

No terceiro e último capítulo discutimos acerca do triângulo amoroso envolvendo Bento, Capitu e Escobar, pois a aproximação deles passa a assumir proporções duvidosas, segundo a perspectiva do narrador, formando a problemática do triângulo. Seguido da personalidade de Bentinho/Bento/Dom Casmurro e do seu ciúme, visto que a personalidade dele apresenta características típicas de uma pessoa ciumenta e que isso pode se dá devido

uma superproteção da família, que o tornou um indivíduo inseguro e dependente, além de ter uma imaginação muito fértil, contribuindo ainda mais para a suspeita de adultério da amada. Assim, Bentinho é figura pálida, de poucas atitudes, um herói problemático, enquanto Capitu é uma mulher “livre”, tem reações perspicazes e faz as coisas à sua maneira, é “dissimulada”.

2 A ESCRITA REALISTA DE MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é considerado um dos maiores escritores brasileiros. Foi um dos fundadores e diretor da Academia Brasileira de Letras, deixou um vasto legado que inclui romances, contos, poesias, peças de teatro, críticas, crônicas e correspondências. O escritor inaugurou o Realismo no Brasil a partir da publicação do romance **Memórias póstumas de Brás Cubas**, em 1881.

Machado de Assis, assim como sua obra, despertam o interesse e a admiração de leitores em geral, da crítica e de outros autores, desde que vieram a público; com o passar do tempo, provocaram uma necessidade de estudos acerca dessa escrita sutil e complexa, por vezes restringida a situações, particularidades e personalidades. A identificação dos críticos e do público com o romance machadiano apresentou oscilações de uma recepção situada entre a impressão da surpresa, da estranheza e da curiosidade.

Sendo assim, parece não haver dúvida que a sua vida foi não apenas sem aventuras, mas relativamente plácida, embora marcada pelo raro privilégio de ser reconhecido e glorificado como escritor, com carinho e um preito que foram crescendo até fazer dele um símbolo do que se considera mais alto na inteligência criadora (CANDIDO, 1995, p.16).

As diferenças e inovações que o autor trouxe em suas obras, bem como os recursos de expressões e o modo de compor a narrativa e converter a realidade em ficção, resultaram em surpresa e perplexidade. Porém, esse retorno não provocou grandes danos, pois ele já exercia essa liberdade criadora desde o início de sua carreira no jornal como crítico ou simplesmente colunista, o que, possivelmente, o fez conquistar os leitores e críticos.

Os romances do autor eram projetados em um ambiente social e geográfico acanhado, mas claramente definido, traduzindo o cenário da Corte Imperial para a ficção. Quando o romance se firmou como gênero literário contemporâneo, ampliou-se o conteúdo de realidade, presente até então nas obras literárias, Machado, no entanto, começou no gênero com um movimento de restrição, aparentemente contrária a tendência da época, não pretendendo objetivamente fazer da realidade da Corte uma extensão da realidade nacional.

Sua literatura mostrava-se capaz de avançar com a procura dos sentidos da verdade e revelava inúmeras vezes que esta verdade não se condiciona a fenômenos, ações ou atitudes relativas (SANTOS, 2006, p.61). Neste sentido, sua concepção de realidade traz a ideia de que por intermédio das vozes narrativas que tecem os seus romances, um determinado narrador

discorre sobre a verdade, a partir das situações de que dispunha a sua volta, na busca de novas perspectivas de percepção da realidade, buscando representá-la de modo próprio.

Seu processo de criação tinha uma maior representação da essência contemporânea, do presente, era essa dimensão de tempo que lhe permitia a apreciação realista da vida, na época. A exemplo **Memórias póstumas de Braz Cubas** e **Dom Casmurro**, nos quais os narradores descrevem suas memórias empenhados, de modos diferentes, em registrar e assimilar o passado, concedem ao momento presente a propriedade e lucidez, para relatar os fatos.

Essa concepção de realidade empregada pelo escritor revelou uma tendência que se tornou umas das marcas registradas nos romances machadianos: a ironia. Posto isso, Teixeira (1988, p. 79 apud PERROT, 2006, p. 41) nos elucida,

Paródia é a recriação irônica de qualquer estrutura consagrada pela tradição. Constitui-se numa das marcas fundamentais do humorismo de Machado de Assis. Ele foi o primeiro escritor a adotar sistematicamente tal procedimento em nossa literatura. As estruturas mais parodiadas por ele são os sistemas filosóficos e os estilos literários. [...] como praticamente não há página machadiana sem ironia, pode-se afirmar que o conjunto de sua obra forma uma enorme paródia da existência.

Assim, para o crítico, a ironia, apesar de ser uma característica já presente em outras escolas literárias, começou a ser usada de forma sistemática por Machado de Assis, tal estilo é usado em praticamente todas as obras do escritor, como uma paródia da existência, uma avaliação da realidade.

A ironia exerce uma função crítica como forma de denúncia de acordo com a visão de mundo do autor. Para Teixeira (1988), o humor machadiano é fundido com o pessimismo, e essa talvez seja a melhor definição de ironia a que podemos chegar: humor acrescido de pessimismo. Neste sentido, a ironia é utilizada como uma espécie de disfarce para as “injustiças da vida e da maldade humana, do sofrimento físico, e moral, do espetáculo do mundo. É o disfarce da própria miséria pelo riso dos ridículos alheios” (COUTINHO, 1959, p.31). Realça, pois, a tese defendida por parte da crítica de que os sentimentos e impressões da vida do escritor refletem, diretamente, nos seus elementos literários.

Machado buscou compreender os mecanismos que determinam as ações humanas, sejam elas resultantes da ação que o meio social exerce sobre cada indivíduo ou de natureza espiritual, mostrando seu interesse na sondagem psicológica em suas obras. Ele mostra a vaidade, a futilidade, a hipocrisia, a ambição, a inclinação ao adultério, usando atividades

rotineiras como uma forma de adentrar na consciência das personagens para explorar o funcionamento. Capta os impulsos contraditórios que existe em qualquer ser humano, não permitindo ao leitor classificar as personagens como totalmente boas ou más, o que o estimula a refletir acerca deles, suas ações diante dos fatos, a exemplo das de Bentinho, em “Dom Casmurro”, ao se deparar com a possível traição de Capitu.

Então, a respeito dos traços de investigação psicológica de Machado de Assis, Miguel-Pereira (1950, p.58 apud PERROT, 2006, p. 25) diz,

Mesmo em seus primeiros livros, quando ainda o cerceavam os cânones românticos e possivelmente o inibia a timidez, o receio de ser diferente dos outros, de enveredar por caminhos até então indevassáveis, já as suas figuras se distinguem pela independência em relação ao meio físico e ao moralismo convencional. Não obedeceu nem ao preconceito, então de rigor, de filiar à natureza tropical o feitio das criaturas, nem ao de fazer personagens exclusivamente boas ou más, tão caro ao romantismo.

Esse traço do autor aparece desde seus primeiros romances, algumas vezes de maneiras mais explícitas que outras. Ele estabelece um “jogo” das relações sociais, realçando o contraste entre o que as personagens são e o que elas demonstram ser, tendo em vista que, muitas vezes, a essência de uma pessoa/personagem não é revelada apenas por sua aparência.

Machado de Assis foi um escritor profundamente crítico e irônico, o que nos permite sempre procurar nas entrelinhas os aspectos mais profundos de suas narrativas. Consequentemente, ele tem sido objeto de inúmeros estudos, tanto nas suas interpretações críticas, biográficas ou psicológicas, quanto na estilística e comparatista.

Por vezes podemos notar que Machado atenta-se para a análise das personagens do que para a ação na narração em si, por isso há poucos fatos e todos são ligados entre si por reflexões profundas. Essas reflexões, algumas vezes, são feitas pelo narrador, quem por uns momentos faz sua própria reflexão acerca de suas atitudes e vivências, já em outros, rompe o envolvimento emocional com a obra, proporcionando a reflexão do leitor sobre o que está lendo, dirigindo-se diretamente a ele, segundo Candido (1995, p. 22), “lembrando ao leitor que atrás dela estava sua voz convencional”. Em **Dom Casmurro** encontramos algumas partes com essa característica:

Abane a cabeça leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, fio que torne a pegar do livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia, não há

nada mais exato. Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras. Falou do primeiro filho, como se fosse a primeira boneca. Quanto ao meu espanto, se também foi grande, veio de mistura com uma sensação esquisita. Percorreu-me um fluido. Aquela ameaça de um primeiro filho, o primeiro filho de Capitu, o casamento dela com outro, portanto, a separação absoluta, a perda, a aniquilação, tudo isso produzia um tal efeito, que não achei palavra nem gesto fiquei estúpido. Capitu sorria; eu via o primeiro filho brincando no chão... (ASSIS, 1978, p.62).

O enredo de **Dom casmurro** não é muito movimentado, é interrompido de vez em quando com essas lembranças e pensamentos do narrador, predominando recurso da reflexão e análise psicológica na obra. Sendo assim, o narrador machadiano busca recursos para alimentar esse “reforço” para a ficção se apoiando nos valores morais, religiosos e sociais, atuando como um mediador da realidade.

2.1 O narrador em Dom Casmurro

A narração do romance **Dom Casmurro** (1899) dá-se em primeira pessoa, a partir da visão da personagem Dom Casmurro. O narrador-personagem relata sua própria história, a história de Bentinho, Bento Santiago, que passa a ser “Casmurro” no momento em que, em sua casa do Engenho Novo, decide escrever suas memórias, dando origem a autobiografia ficcional.

A narrativa é apresentada como um romance autobiográfico desde seu início, tendo em vista que já nos primeiros capítulos o personagem principal, cujo nome dá título à obra, narra os acontecimentos em primeira pessoa.

Logo, trata-se de uma autobiografia escrita e narrada em vida por um narrador-personagem. [...] o personagem principal, que também é o autor e narrador da história, vai contar sua vida estando ainda vivo (ao contrário de Brás Cubas do mesmo autor), mas ele próprio é uma ficção, sua vida é uma história inventada. (LAUREANO, 2008, p. 121).

Bentinho narra sua própria história, de acordo com suas impressões acerca dos acontecimentos no decorrer dela, os fatos verossímeis apresentados pelo narrador são uma ficção, visto que ele mesmo é uma personagem de ficção. Tornando-se um autor ficcional, que diferente do autor real, participa da narrativa como substituto e variante do narrador da história. Ainda segundo Laureano (2008), talvez seja por isso que nos dois primeiros capítulos ocorra uma narrativa introspectiva e altamente psicológica, com algumas explicações,

traçando seu perfil na tentativa de se autoafirmar como real para a ficção, confirmando também a veracidade do que vai expor.

Ele reúne os elementos dispersos em sua vida e agrupa-os em um esquema de conjunto, em um “atar as duas pontas da vida”, selecionando tais acontecimentos, como se o leitor, para compreender a história, necessitasse ficar ciente de suas estratégias.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo (ASSIS, 1978, p. 12).

O narrador de **Dom Casmurro** é dotado de poder sobre o espaço e a voz dentro da narrativa, o que lhe dá autonomia e poder de julgamento e de crítica acerca dos fatos descritos. Ele encontra-se livre de um tempo cronológico e linear o que possibilita a ele selecionar e descrever acontecimentos da vida das personagens, tais quais ele mesmo participa. De acordo com Aguiar e Silva:

Em estudo recente, Nomi Tamir propõe que, em vez' de "narrativa da primeira pessoa", se utilize a expressão narrativa pessoal (bem como narrador pessoal, narrativa impessoal e narrador impessoal), definindo assim este tipo de discurso narrativo. [...] A narrativa pessoal seria, por conseguinte, um tipo de discurso narrativo no qual figura um enunciador explícito, funcionando como centro das categorias défticas ocorrentes nos enunciados que produz, e co-referencial com uma das personagens da diegese. (2007, p. 759-760).

Sendo assim, o narrador pessoal compartilha seus pensamentos e emoções durante a história. Este tipo de narrativa tem o potencial de aprofundar o conhecimento do leitor sobre o personagem-narrador, já que mostra muito sobre sua personalidade através da forma como ele escolhe narrar os acontecimentos do enredo, e como ele descreve e interpreta os comportamentos de outros personagens. Segundo Brait (1985 p. 61-62 – Grifos da Autora),

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens.

Os fatos que o narrador-personagem narra, ao mesmo tempo que foram vividos por Bentinho (personagem na infância), são lembranças de Dom Casmurro, assim chamam a atenção para a presença das posições e para o poder “manipulador” de uma certa espécie de autoridade. Tal autoridade, revela-se textualmente como construção hipotética, inferida pelo leitor por meio da organização textual. O leitor, portanto, é convocado, no ato da leitura, a ler os elementos mínimos, que apontam para além do que é sequenciado no discurso.

Assim sendo, ao mesmo tempo que espera do leitor uma confirmação a respeito de suas “evidências”, o narrador supõe um sentido já determinado, com seu relato, de modo que o leitor apenas ratifique a partir da leitura da obra "Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição" (ASSIS, 1978, p.44); em outros termos, para configurar o drama do homem transitório e convocar o leitor a produzir um sentido que escapa até mesmo ao narrador/protagonista.

O reconhecimento de que através do exercício de construção de suas memórias, que o próprio narrador-personagem se auto constitui, transforma a alteração contínua de pensamentos e ações em elementos reveladores da consciência adquirida pelo “sujeito que lembra” de que se modificou ao longo de sua existência, de que, sendo “o mesmo” sempre foi também o “outro” (BRANDÃO, 2007, p. 135), assim, o diálogo com o leitor ocorre também para a expressão dessa alteridade.

O narrador de **Dom Casmurro** introduz sua história de maneira pessimista, descrente com o mundo, com seu meio, uma ausência de fé própria dos românticos:

Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. [...] Os amigos que me restam são de data recente; [...] quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa. [...] Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal (ASSIS, 1978, P. 12-13).

Apesar de mostrar tanta descrença e melancolia, toda essa desesperança acaba por denunciar uma relação artificial do personagem com o meio em que se encontra, tendo em vista que já não dispõe mais da companhia das pessoas e do ambiente em que foi criado. Quis

reviver, a partir da escrita, o seu passado, suas memórias; mesmo que fossem para ele, momentos sofridos e dignos de esquecimento “Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro” (ASSIS, 1978, p. 13), escrever era a melhor forma de eternizar e reviver tais momentos.

O narrador-personagem apresenta uma espécie de bipolaridade, uma vez que quem escreve a história é Dom Casmurro; quem vive a escrita é Bentinho//Bento Santiago. Logo, Dom Casmurro é um autor-narrador quando escreve suas memórias e, narrador-personagem quando vive o que narra como Bentinho. Bentinho é a personagem principal da narrativa de Dom Casmurro; já Dom Casmurro é a personagem principal da narrativa criada por Machado de Assis. Caracterizando uma ficção dupla, uma dentro da outra, o que gerou um personagem também duplo (LAUREANO, 2008, p. 125). Ou seja, o autor cria uma estética de ficção no romance já ficcional.

O parecer de Dom Casmurro acerca do suposto adultério cometido por Capitu, assim como o restante da narração, é fundamentada nas suas lembranças influenciadas pela memória, “E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras” (ASSIS, 1978, p. 23). Por isso, a “necessidade” de validação dos fatos, a partir do leitor.

2.2 Capitu: uma personagem

A personagem Capitu nos é apresentada no romance através do narrador-personagem, Dom Casmurro. É ele quem revela ao leitor a imagem e as ações que envolvem a protagonista, por isso só conhecemos de Capitu aquilo que o narrador nos descreve. Neste seguimento, podemos dizer que a personagem Capitu torna-se visível para os leitores por intermédio do narrador, ela não possui voz ativa durante a narrativa.

O narrador, de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista. [...]a personagem-narrador funciona como a lente privilegiada através da qual o leitor recebe e visualiza as personagens (BRAIT, 1985, p. 65).

Dom casmurro, enquanto narrador, encarrega-se das falas da amada, assim como das demais personagens. Ela nos é apresenta como uma personagem que, ainda na adolescência, é esperta, inteligente, sabe contornar situações, decidida e disposta a lutar por seus interesses;

ao mesmo tempo que nos mostra uma personagem artilosa, capaz de arquitetar planos para impedir que ele seja um padre, “Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas” (ASSIS, 1978, p. 32). A personagem tinha uma personalidade forte que permitia a ela a capacidade de se impor diante das coisas que lhe eram negadas, tais características se manifestam com mais vigor na vida adulta.

Neste sentido, a personagem é dotada de uma complexidade. Apesar de tais características apresentadas pelo narrador aparecer, por vezes, como algo ruim, ela também se mostra inteligente, prática, de personalidade forte e marcante. Isso provoca certas “polêmicas” em torno do caráter de uma das principais personagens femininas da literatura brasileira, Capitu. Segundo Moisés (2006, p. 231),

Desse modo, dizemos ser Capitu o símbolo acabado da dissimulação, entendendo-se por esse defeito (ou virtude?) a manifestação parcial duma complexa personalidade globalmente conhecida pelo leitor. Tão complexa que despistou Bentinho e todos os leitores de sua história, fazendo-os perplexos diante da existência ou não de um delito em sua vida conjugal.

Visto isso, ainda segundo o autor, em seus estudos sobre personagens, elas podem ser classificadas em “plana” ou “redonda”: a primeira depende do ambiente para adquirir individualidade na narrativa, ainda assim relativa; a segunda obedece, antes de tudo, aos impulsos interiores, colocando-se à margem ou acima das imposições sociais. A personagem redonda, frequentemente, se transforma em “símbolo” de uma "possibilidade" humana por momentos elevada à sua dimensão mais alta. O autor conclui que “Capitu é redonda, é símbolo”, tendo em vista que “a personagem machadiana supera as limitações sociais e impõe-se enérgica e silenciosamente” (MOISÉS, 2006, p. 231).

Neste sentido, a constituição da personalidade ambígua e paradoxal da personagem Capitu traz consequências fundamentais na trama. Machado criou uma personagem feminina fascinante, que desde seu lançamento ocupa o banco dos réus, em um longo e repetido processo. Deixando os leitores e críticos envolvidos, de tal maneira, que é feita uma espécie de julgamento da personagem acerca do adultério que ela teria cometido, segundo o narrador. Para Candido (2011, p.73),

A concentração, limitação e obsessão dos traços que caracterizam as personagens se ordenam convenientemente nesse universo, e são aceitos pelo leitor por corresponderem a uma atmosfera mais ampla, que o envolve desde o início do livro. Quando, lendo um romance, dizemos que um fato, um ato, um pensamento são inverossímeis, em geral queremos dizer que na vida seria impossível ocorrer coisa semelhante. Entretanto, na vida tudo é

praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida.

Quanto mais o leitor se depara com a narrativa, mais se interessa pela atmosfera da personagem Capitu. Quanto mais cresce no pensamento do narrador a convicção da infidelidade dela, mais o leitor/crítico investiga as entrelinhas, tais as ambivalências e dúvidas que o autor vai semeando no decorrer da narrativa, através do narrador- personagem, o que torna Capitu a personagem principal do romance e uma das mais emblemáticas da literatura brasileira.

3. DO OLHAR OBLIQUO E DISSIMULADO

Conhecida como uma das personagens mais enigmáticas de toda literatura brasileira e talvez a mais importante personagem feminina da nossa literatura, Capitolina Pádua ou simplesmente Capitu era vizinha e melhor amiga de Bentinho. Quando ele inicia seu relato, Capitu tinha 14 anos. Morena, cabelos longos, grandes olhos claros, nariz reto, boca fina e queixo largo, assim ela é descrita fisicamente; além do olhar oblíquo e dissimulada, seus olhos eram de ressaca. Era uma mulher forte e decidida, segundo o próprio Bentinho, Capitu era mais mulher do que ele era homem.

Ao nos apresentar Capitu, o narrador expõe aos leitores traços fundamentais da personalidade da personagem como, por exemplo, a arte de dissimular e sobressair com facilidade em situações complicadas e que exigiam um pensamento e ação rápida, enquanto ele, Bentinho, fazia com muita dificuldade, o que mostra que o modo de pensar e agir da personagem perante sua época presente e sua idade eram mais avançados.

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. [...] Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo e claro, que ela explicou por estas palavras alegres:

-Mamãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado, e fez isto. Veja que tranças! (ASSIS, 1978, p. 48).

Capitu revela-se uma moça “astuta”, que consegue encontrar soluções rápidas para situações “embaraçosas” como nas ocasiões do penteado e do muro, as quais Bentinho fica sem reação, paralisado, pois não tem a mesma desenvoltura que a protagonista.

Outra característica marcante da personagem, descrita pelo narrador, é o “olhar oblíquo”. Essa característica/expressão surge pela primeira vez a partir da observação de José Dias, “Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada”. (ASSIS, 1978, p. 38). O agregado a via como uma menina muito esperta, sendo assim, era uma má influência para Bentinho.

Bentinho, por sua vez, não sabia bem o que era “oblíqua e dissimulada”, mas ficou curioso com a expressão usada, ao se encontrar com Capitu pediu para ver seus olhos e completou:

Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve (ASSIS, 1978, p. 46).

De acordo com a descrição do autor/narrador, os olhos de Capitu lembram o mar em seus momentos de ressaca sorvendo para si quem os observa. Ele usa essa metáfora para explicar o olhar intenso, penetrante, misterioso de Capitu, olhar esse, que ele não conseguia deixar de admirar, segundo Bosi (2003, p. 24) “imagens e metáforas revelam aspectos e matizes de sentimentos não só graduados com opostos”.

O que nos é descrito representa a sensação de imersão do narrador ao olhar da personagem. Desta forma, a linguagem metafórica do narrador nos apresenta uma coisa conhecida, como o retorno das ondas para o mar, para descrever uma imagem misteriosa, a sensação ímpar que vivenciou, ao contemplar olhar da amada. Seus olhos traziam uma imersão misteriosa e enérgica, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.

Capitu representa uma personagem espontânea e dona dos olhos mais enigmáticos da literatura. Ela é indescritível, inclusive para o próprio narrador, pois lhe é impossível voltar à sensação original de contemplá-la, bem como lhe é impossível não tentar rememorar-la com imagens que rapidamente se mostram insuficientes.

Muitos críticos e leitores da obra não possuem posições e respostas definidas para tais características e atitudes de Capitu, pois não existem provas que as expliquem, apenas o ciúme doentio do narrador-personagem. O que pode a caracterizar apenas como uma moça avançada para sua época. Neste sentido, para alguns, a personagem era dissimulada, para outros, inocente.

3.1. Definindo Capitu

O surgimento de Capitu no romance ocorre de duas maneiras: por menção, no início da obra, e por participação direta, a partir do capítulo XIII, quando ela passa a interagir com Bentinho como protagonista da narrativa. Segundo Pati (1958, p. 303), o narrador nos descreve a protagonista da seguinte forma:

Capitu, filha do casal Pádua, tinha catorze anos era alta, forte e cheia; apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma a outra, a moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e cumprido, tem a boca fina e o quico largo; as mãos a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabão finos nem a água de toucador, mas com água de poço e sabão comum trazi-as sem macula. Calçava sapatos de duraque rasos e velhos, a que ela mesma dera uns pontos. Olhos são assim de cigana, oblíqua e dissimulada, olhos de ressaca.

A descrição de Capitu a partir das expressões metafóricas “olhos de cigana” ou “olhos de ressaca”, como vimos anteriormente, é memorável. Ao apresentar a protagonista, o narrador também mostra a sua opinião a respeito dela, ao mostrá-la o faz, apontando para uma figura feminina misteriosa, encoberta de segredos, desde a adolescência.

Capitu e Bentinho eram amigos desde criança, viviam brincando juntos, muitas vezes, essa brincadeira era uma imitação do ritual da Missa católica, uma brincadeira solene e simbólica, no qual a comunhão era representada por uma hóstia de doce e proferido as palavras “*Dominus, non sum dignus*”¹ (ASSIS, 1978, p. 22). Nesse simulacro do sacramento da comunhão prefigura-se a extensão que o relacionamento deles assumirá na trama, configurando-se no matrimônio, futuramente.

Tal possibilidade foi denunciada por José Dias no momento em que ele lembrou Dona Glória de que já seria o momento de cumprir a promessa que ela havia feito quando o protagonista nasceu, de fazer dele um Padre. Segundo o agregado, poderia haver uma paixão entre os adolescentes, isso seria uma grande dificuldade para a promessa ser cumprida. “Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.” (ASSIS, 1978, p. 14). “A denúncia” do agregado serviu, também, para o próprio Bentinho (que ouviu a conversa às escondidas) se dar conta de que seus sentimentos e suas intenções com Capitu eram mais do que uma simples brincadeira e amizade de crianças.

¹ “Senhor, eu não sou digno (de que entrais em minha casa)”. Trecho do ritual da Missa, na época em a língua oficial para a celebração era o Latim.

No capítulo XII, em que Bentinho está “perturbado” pela ideia de estar apaixonado, procura indícios desse estado na recordação de seus encontros com a protagonista:

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim? Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. [...] Capitu chamava-me às vezes bonito, mocetão, uma flor; outras pegava-me nas mãos para contar-me os dedos [...] ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus. Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluca (ASSIS, 1978, p. 23).

Na narração, é ela quem procura “seduzir”, não apenas a partir dos elogios, mas principalmente pelo toque físico no amigo, ou seja, numa inversão dos papéis tradicionais, a iniciativa do namoro fica por conta da menina, mostrando sua desenvoltura avançada, especialmente para época.

Capitu demonstra cada vez mais, ser uma menina/mulher decidida e disposta a lutar por seus interesses, pois ela via em Bentinho não apenas um amigo, mas seu futuro esposo. Diante da notícia que Bentinho teria que ir para o seminário, ela teve um momento de explosão, de irritação com a promessa, com a mãe dele.

Capitu não parecia crer nem descrer, não parecia se quer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. Essa criatura que brincara comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo, deixava-me agora com os braços atados e medrosos. Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida e rompeu nestas palavras furiosas:

-Beata! Carola! Papa missas!

Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe e minha mãe dela que eu não podia entender tamanha explosão. [...] Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo fosse ouvida dos pais. Nunca a vi tão irritada como então; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... (ASSIS, 1978, p. 30-31).

Passado esse momento de indignação, o ela começa a arquitetar o plano que impediria Bentinho de ir para o seminário. O narrador, também, ressalta o quanto Capitu é persuasiva ao convencer Bentinho a falar com José Dias, para que ele possa advogar para o jovem na tentativa de fazer com que D. Glória desista da promessa de mandar o filho para o seminário.

Os comportamentos de Capitu não eram comuns para uma mulher que vivia nessa sociedade do século XIX. No capítulo intitulado “As curiosidades de Capitu”, observamos de

forma nítida o transgredir de Capitu, pois sabe que possui capacidade de ir além do que lhe é permitido enquanto mulher,

As curiosidades de Capitu dão para um Capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda- por isso mesmo, quis que prima Justina lhe ensinasse. Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo, mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe gamão (ASSIS, 1978, p. 44).

O fato da protagonista desejar aprender/saber, não aceitando a proibição que fora feita a ela, nos mostra que a menina sabe impor-se com relação a certos limites que lhes eram dados. Nesse sentido, vemos que Capitu, embora não tenha voz no texto, e, além disso, aparece aos olhos do leitor pelo olhar do narrador, se sobressai a Bentinho, na medida em que se torna evidência na narrativa, dentre outras coisas, pela sua capacidade de ir além do que lhe era permitido. Para Moisés (2006, p. 232), “Capitu simboliza algo mais profundo e amplo da natureza humana”.

Neste seguimento, mesmo nessa condição de não voz no texto, toda a narrativa se desenrola em volta das ações dessa personagem. Ou seja, Bentinho tem a palavra, mas Capitu tem a ação, assumindo o papel de protagonista junto com ele. Não é à toa, que para muitos crítico e leitores, “Dom Casmurro é o livro de Capitu” (MEYER, 1986), dado à importância e às ações da personagem no romance.

Desde sua adolescência Capitu é uma personagem que possui voz, no sentido de que ela sabe o que quer. É determinada, e não hesitava em assumir um posicionamento, mesmo sendo muito avançada para sua época. Um dos exemplos dessa conduta audaciosa vemos no capítulo “O penteado”, momento em que Bentinho se dispõe a fazer tranças nos cabelos de Capitu, depois que o mesmo termina o penteado, ela toma a iniciativa e dá o primeiro beijo em Bentinho:

[...] Capitu derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sobre ela, rosto a rosto, mas trocados, os olhos de um na linha da boca do outro. Pedi lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que estava feia; mas nem esta razão a moveu.
- Levanta, Capitu!
Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu descí os meus, e...

Grande foi a sensação do beijo; (ASSIS, 1978, p. 48).

Além da iniciativa de dar o primeiro beijo no amado, na sequência desse episódio, ela consegue disfarçar de forma rápida e dissimulada a situação quando sua mãe se aproxima:

Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo e claro, que ela explicou por estas palavras alegres:
-Mamãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado e fez isto. Veja que tranças! (ASSIS, 1978, p. 48).

Ao ser surpreendida, a menina consegue transformar a situação e, por sua vez, surpreender Bentinho. Perspicaz, identifica a existência de um outro acontecimento e toma as rédeas da situação, desviando a atenção.

Desde o momento em que Capitu soube da notícia que a mãe de Bentinho iria mandá-lo para o seminário até o momento em que ela se casa com o mesmo, vemos que ela não mediu esforços em fazer com que seu amado não virasse padre e os dois ficassem juntos. Ao saber dessa notícia, ela logo pensou em um plano, de pedir para José Dias intervir na decisão de D. Glória, o plano não impediu que Bentinho fosse para o seminário. Mas os deixou presos por uma promessa de casamento, que eles fizeram antes de ir “Você jura uma coisa? jura que só há de casar comigo? Capitu não hesitou em jurar” (ASSIS, 1978, p. 63).

Enquanto Bentinho estava no seminário, Capitu se aproximou de D. Glória a fim de mostrar à futura sogra, que ela era uma boa moça e conseqüentemente seria uma boa esposa. As duas ficaram cada vez mais próximas, Capitu fazia companhia para senhora, especialmente quando a mãe de Bentinho ficou doente e só queria a presença da jovem para cuidar dela.

Bentinho não se tornou padre, pois, graças a uma ideia de seu amigo Escobar, propôs a mãe a adotar um menino e pagar os estudos dele para que se tornasse padre no seu lugar. Desse modo, estaria cumprindo a promessa a Deus de dar um sacerdote e ao mesmo tempo Bentinho não se tornaria padre. Após sua saída do seminário, passou cinco anos fora, estando Direito. Longe da ameaça de se tornar padre e já bacharel em direito, após seu retorno, os enamorados Bento Santiago e Capitu se casam.

Capitu sai da condição em que vivia para se tornar uma mulher pertencente à elite, tendo em vista que, por vezes, o narrador insinua, ao destacar que Capitu é uma moça pobre, que a iniciativa de se casar com Bentinho, que é um rapaz rico, é somente dela e, em

consequência disso, conquista o rapaz e o torna seu esposo. Para Soares (2010, p. 37-38), existe nos romances de Machado de Assis uma correlação com a realidade da época, não sendo diferente no que diz respeito ao casamento, considerando-se o fato de conter na narrativa, insinuações de que Capitu desejava se casar com Bentinho para ascender socialmente, corresponde com os desejos femininos do século XIX, pois o matrimônio representava a possibilidade ideal de aceitação social, o casamento representava o anseio da maior parte das moças.

O fato de se pensar que Capitu luta para se casar com Bentinho para ascender socialmente é mais uma amostra de que a personagem possui autonomia de si, pois ela vai atrás do que deseja, dispõe de um caráter de indivíduo que sabe o que quer e luta para alcançar seus objetivos.

Depois de casada Capitu se revela uma personagem que sabe fazer valer a sua voz. É uma mulher que continua a ter atitudes surpreendentes, como mostrar que sabe administrar o dinheiro que o esposo dava para as despesas. Mesmo antes de se casar, Capitu já cuidava da administração do dinheiro ganhado pelo pai, após a morte de sua mãe, ou seja, desde muito jovem Capitu já tinha responsabilidades e deveres. O que fez com que a protagonista, mesmo depois de casada, tomasse para si a responsabilidade de administrar o dinheiro do casal.

Essas questões voltadas para as finanças da família, nessa época, cabiam aos homens, por isso que Bentinho ao saber que a esposa administrou o dinheiro que ele dava mensalmente a ponto de fazê-lo multiplicar, o ficou muito surpreso:

- Mas que libras são essas? perguntei-lhe no fim.
- Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas.
- Tudo isto?
- Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão. (ASSIS, 1978, p. 118).

Essa atitude de Capitu causa certo desconforto no em Bento. Esse desconforto é causado porque a personagem, além de se intrometer na administração do dinheiro é quem decide o que fazer com o mesmo, isto é, Capitu é decidida, tem capacitação para administração das finanças, ela age de acordo com suas vontades, não se limita apenas às vontades do esposo.

O narrador começa a expor suas dúvidas sobre a fidelidade de Capitu, coisa que ele faz desde o início da narrativa, mas, nesse momento ele passa a expor os “acontecimentos” duvidosos. Ele, enquanto narrador, mais uma vez vai tentando envolver o leitor para que este possa condenar Capitu devido aos seus atos e ações. Porém, ao passo que vai tentando fazer o leitor tomar partido ao seu favor, o narrador vai revelando também uma mulher transgressora, pois, diferente das outras mulheres da época, ela não se deixa dominar, ao contrário ela é quem domina.

No capítulo intitulado “Capitu entra”, ela tem uma atitude reveladora da sua essência de mulher transgressora, quando Bento diz que o filho do casal, Ezequiel, poderia não ser filho dele, ela não hesita em pedir a separação,

- O quê? perguntou ela como se ouvira mal.

- Que não é meu filho.

[...] - Só se pode explicar tal injúria pela convicção sincera; entretanto você que era tão cioso dos menores gestos, nunca revelou a menor sombra de desconfiança. Que é que lhe deu tal ideia? Diga, - continuou vendo que eu não respondia nada, - diga tudo; depois do que ouvi, posso ouvir o resto, não pode ser muito. Que é que lhe deu agora tal convicção? Ande, Bentinho, fale! Fale! Despeça-me daqui, mas diga tudo primeiro.

- Há coisas que se não dizem.

- Que se não dizem só metade; mas já que disse metade, diga tudo. Tinha-se sentado numa cadeira ao pé da mesa. Podia estar um tanto confusa, o porte não era de acusada. Pedi-lhe ainda uma vez que não teimasse.

- Não, Bentinho, ou conte o resto, para que eu me defenda, se você acha que tenho defesa, ou peço-lhe desde já a nossa separação: não posso mais! (ASSIS, 1978, p. 145).

Ao pedir a separação Capitu não se prende aos costumes, e mostra que não é totalmente submissa ao esposo e aos costumes da época. Ao romper com as normas ela se faz ouvir, porque age em concordância com seus próprios anseios e conceitos; ela tem a sua própria opinião sobre as coisas. O pedido de separação é uma demonstração da transgressão de Capitu, com isso, podemos ver que essa atitude de Capitu é uma confirmação de que ela é determinada e por isso, é ela quem sempre toma as atitudes.

Mesmo possuindo essa determinação e personalidade forte a ponto de pedir a separação para Bento, quando ele sugere a Capitu, que ela e o filho Ezequiel vão morar na Suíça, Capitu aceita sem se opor:

Aqui está o que fizemos. Pegamos em nós e fomos para a Europa, não passear, nem ver nada, novo nem velho; paramos na Suíça. [...] Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com

brevidade e sequidão. As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas;” (ASSIS, 1978, p. 147).

A recusa de Capitu de se defender e sua aceitação da sentença de “exilamento” a que é submetida é surpreendente contudo, tal atitude revela que ainda há em Capitu vestígios dos costumes e dos padrões da sociedade em que vive. Ou seja, mesmo que Capitu seja transgressora conseguindo impor sua opinião, mesmo que demonstre que possui capacidade de tomar decisões melhor do que Bentinho, ela ainda não consegue se desvincular totalmente dos padrões sociais, visto que o contexto da narrativa é o mesmo do século XIX, não havendo como Capitu estar totalmente alheia aos padrões dessa sociedade, por isso ela não encontra uma saída mais favorável para si.

3.2. O jogo social da personagem

A estratificação social que ocorreu no Brasil do séc. XIX manifesta-se imediatamente à primeira observação na obra, como constatamos até agora. Neste sentido, quanto mais a economia de uma sociedade depende da renda da terra em que se mora, mais rígidos se apresentam os quadros sociais. Consequentemente, a mobilidade social não acontecia com frequência, pois não era um processo fluido. Segundo Lucas (2003, p. 183), ao tentar se passar de um estrato para outro, ascender socialmente, muitas vezes, surgiam problemas para o pretendente, que acabam afetando-o em processos de rejeição ou condenação. Para a mulher isso era ainda mais evidente, tendo em vista suas limitações impostas na sociedade patriarcal.

Diante disso, Capitu nos é apresentada como uma mulher ambiciosa, empenhada em ascender socialmente, visto que ela era apenas filha de um funcionário público, sem muitas condições financeiras. A concepção de interesseira posta nela se manifesta desde o início da obra, quando José Dias fala a seu respeito:

Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do *Tartaruga*, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los. [...] A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que...compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida... (ASSIS, 1978, p. 14).

O desprezo do agregado pelo pai de Capitu, Pádua é resultado da posição inferior deste em relação à família de Dona Glória, pois se trata de um mero empregado de repartição, que só conseguiu comprar a casa onde mora, a proximidade com pessoas de camada superior, graças a um bilhete de loteria premiado. José Dias insinua que Pádua estimular a amizade entre a filha e o herdeiro da família Santiago, visando a ascensão social.

Sendo assim, Capitu entra primeiramente em cena por meio da insinuação e de uma perspectiva pejorativa estabelecida de cima para baixo: a seu respeito, já que é vista como "desmiolada" e que poderia vir a beneficiar-se de uma relação mais estreita com Bentinho. Ou seja, ela é vista a partir da perspectiva social, tendo em vista sua condição economicamente inferior a família de Bentinho. O que fica claro que esse ponto de vista acerca da protagonista se trata de um fator social.

A família de Capitu não tinha condições financeiras de oferecer o dote a Bentinho, porque "Pádua era empregado em repartição dependente do ministério da guerra. Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco e a vida era barata" (ASSIS, 1978, p. 28). O que mostra que Pádua não poderia pagar o dote da filha, posto que o salário não era muito e por isso dava apenas para manter as despesas da casa. Este é um obstáculo muito grande a ser enfrentado por Capitu, porque não possuindo dote a oferecer, a aceitação do casamento dela com Bentinho, por parte da família de Bentinho seria ainda mais difícil, porém Capitu age com determinação, arquitetando planos para ele não ir para o seminário e casar-se com ela, que essa diferença financeira entre eles é "esquecida" e eles acabam casando, mesmo sem dote.

Desta forma, as características "ingenuidade" e "ambição" de Capitu, acabam por mesclar-se de tal maneira na composição da personagem que se atenuam e se enfatizam ao mesmo tempo, algumas vezes não sendo possível distinguir uma da outra. Pois não há nada que a impedia de estar apaixonada e desejar a ascensão social, ao mesmo tempo.

Capitu possui um caráter de indivíduo que sabe o que quer e luta para alcançar seus objetivos, ela transgride os padrões da época. Segundo Lucas (2003, p. 185), "a plenitude de Capitu é antes de tudo entorpecida pelo quadro social. A manifestação da mulher é dificultada, principalmente para aquelas de maior iniciativa e forte personalidade". Neste sentido, ao ocupar um espaço que Bentinho não ocupa, diversas vezes na narrativa, justamente por não ele possuir a determinação e capacidade da protagonista, ela provoca uma ruptura nos padrões da sociedade, isto é, ela transgride tais padrões, uma vez que nesse

período, algumas vezes até nos dias atuais, a mulher ocupava uma posição inferior à do homem.

O próprio narrador confessa: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda não o disse, aí fica. Se disse, fica também” (ASSIS, 1978, p. 44). Ao confessar ser menos homem do que Capitu é mulher, ele Dom Casmurro, confessa também que ela toma o seu lugar de homem, uma vez que esta possui capacidade para isso e, conseqüentemente, ele (re) afirma a transgressão de Capitu aos padrões da sociedade do século XIX, pois nesse meio social a mulher não era, e mesmo se fosse, não podia se mostrar com tamanha virilidade a ponto de colocar o homem inferior a si.

Isso fica inda mais em evidencia no momento em que Capitu passa da posição de conquistada para a de conquistador, ela subverte os papéis sexuais, e ao subvertê-los concretiza a sua atitude transgressora, exemplo disso é quando a menina toma a atitude do primeiro beijo do casal. O que nos dá a possibilidade de observarmos que Machado de Assis concebeu Capitu com uma singularidade que a faz ser moderna para o seu tempo e espaço. Para Schwarz (2000, p. 47) “Fica clara, assim, a intenção de sintetizar um tipo representativo da classe dominante brasileira através das relações que lhe são peculiares”.

Com a reação de Bento Santiago no tocante às atitudes transgressoras de Capitu, podemos perceber como era o padrão social do século XIX, no que diz respeito à vida da mulher. Com base nisso, levando em consideração que o enredo do romance se desenrola exatamente nesse século, e considerando ainda que a literatura pode apresentar-se como representação da imagem da realidade social pois, segundo Moisés (1982, p. 176 apud SOARES, 2010 p. 33) “o território da ficção literária se situa entre a fantasia, que pervaga o real como latência, e a própria realidade”, é possível compreendermos o porquê Capitu é transgressora a tais padrões sociais. Essa transgressão da personagem desencadeou, ainda mais, os ciúmes e a desconfiança de adultério por parte do narrador.

4. BENTO, CAPITU E ESCOBAR: UM TRIÂNGULO

O triângulo amoroso é uma prática conhecida na sociedade desde que o homem passou a conviver em comunidade e começou a criar vínculos emocionais e afetivos. A literatura tem retratado esse tipo de comportamento desde a antiguidade. Essa questão envolve os leitores curiosos e ainda os leva a estabelecer ligações, com o adultério, com o matrimônio, a infidelidade, o ciúme e os amores frustrados. Sendo assim, O triângulo amoroso, ao longo da história literária foi consequência de sentimentos contraditórios, tramas envolventes e até grandes tragédias.

Essa é uma temática corrente nas obras de Machado de Assis, tanto em seus contos quanto nos romances. **Dom Casmurro** é um dos romances que representa esse tema de maneira mais enfática, com os acontecimentos da narrativa envolvendo Bento Santiago, Capitu e Escobar.

Bentinho conheceu Ezequiel de Souza Escobar no seminário, segundo ele, “era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivo, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo” (ASSIS, 1978, p. 72). Assim como Bentinho, Escobar não tinha vocação para o sacerdócio, estava no seminário para agradar a família, o que acabou os aproximando ainda mais, acabaram se tornando melhores amigos e confidentes. Escobar gostava mesmo de matemática e do comércio.

O jovem seminarista passa a frequentar a casa da família de Bentinho e acaba ganhando a confiança e admiração de todos. Lá ele conhece Capitu, que no início fica com ciúmes da amizade de Bentinho com ele, mas depois acaba gostando dele também. Assim como Capitu, ele tem uns pensamentos e ideias ágeis, ele é quem encontra a solução para a saída do seminário de Bentinho: D. Glória, em desespero, prometera a Deus um sacerdote, sacerdote esse que não precisava, necessariamente, ser Bentinho, por isso no lugar dele, um escravo é enviado ao seminário e ordena-se padre.

Quando saiu do seminário, conseguiu dinheiro emprestado com a mãe de Bentinho para começar seu próprio negócio e casa-se com Sancha, melhor amiga de Capitu. Os casais se tornam vizinhos e amigos inseparáveis. O casal de amigos tem a primeira filha, uma menina, a quem colocam o nome de Capitolina. Já Capitu e Bentinho encontram dificuldade para ter o primeiro filho, o que começa a ameaçar a felicidade do casal, pois era um grande

desejo do ex-seminarista. Depois de alguns anos, Capitu finalmente tem um filho, o casal pôde retribuir a homenagem que Escobar e Sancha lhe haviam prestado, batizam o filho com o nome de Ezequiel.

Com o tempo Bento passa a sentir ciúmes de Escobar e Capitu, formando o triângulo amoroso da suspeita do narrador, mas o amigo acaba morrendo afogado sem nunca perceber as desconfianças de Bentinho, ficando no ar a dúvida acerca da traição; e a certeza e a mágoa por parte do narrador. Essa desconfiança do narrador se deu, especialmente, a partir de algumas atitudes um tanto quanto misteriosas, por parte dos dois, narrados pelo autor:

Uma estreia de ópera, a que ela não foi por ter adoecido, mas quis por força que eu fosse. Era tarde para mandar o camarote a Escobar, saí, mas voltei no fim do primeiro ato. Encontrei Escobar à porta do corredor.

—Vinha falar-te, disse-me ele

Expliquei-lhe que tinha saído para o teatro donde voltara receoso de Capitu, que ficara doente. [...] Capitu estava melhor e até boa. Confessou-me que apenas tivera uma dor de cabeça de nada, mas agravara o padecimento para que eu fosse divertir-me. Não falava alegre, o que me fez desconfiar que mentia, para me não meter medo, mas jurou que era a verdade pura. Escobar sorriu e disse:

—A cunhadinha está tão doente como você ou eu. Vamos aos embargos. (ASSIS, 1978, p. 125).

Tal encontro deixou o narrador com certa desconfiança, sendo um dos fatores para a certeza da traição da mulher com seu melhor amigo. Porém, o fator fundamental para tal convicção foi o fato de Bento vê uma semelhança muito grande entre o filho deles, pequeno Ezequiel, e Escobar.

[...] eram os olhos de Escobar. [...] Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorrir, palpitar, falar quase, até que a família pêndula o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. (ASSIS, 1978, p. 139).

Bento enxerga no filho a figura do amigo já falecido, para ele, era como se “Escobar vinha assim surgindo da sepultura” (ASSIS, 1978, p. 140) e fica convencido de que fora traído pela mulher; de que Ezequiel é filho de Escobar. Segundo Santiago,

Nos propõe Dom Casmurro como argumento maior para o adultério da esposa o fato de seu filho não se parecer a ele, sendo mais semelhante ao amigo Escobar. Essa visão da vida em família trai, é claro, certo preconceito, ou neste caso específico, se baseia em provérbios como: ‘tal pai tal filho’, ou ‘filho de peixe, peixinho é’. (2000, p. 37).

Dom Casmurro acaba buscando indícios do triângulo amoroso e concentra no filho, Ezequiel, a prova material da culpa da esposa. Tendo em vista que o físico e atitudes do menino lembram Escobar e, seguindo as tradições e provérbios, o normal seria o filho parecer com o pai, é próprio da natureza.

Neste sentido, versão masculina de Capitu, apesar de não ter a mesma expressividade, do mesmo modo que ela, Escobar é voltado para a reflexão e o cálculo, além de ter o pensamento rápido e boas ideias, além de ter uma personalidade forte e independente. A aproximação de ambos passa a assumir proporções duvidosas, segundo a perspectiva do narrador, formando a problemática do triângulo.

4.1. O narrador fingidor

A narrativa em Dom Casmurro distribui-se em três momentos distintos: a infância e adolescência, nas quais o protagonista é chamado de Bentinho; a vida adulta, que é denominado Dr. Bento Santiago; e a fase Dom Casmurro, que ele depois de mais velho e sozinho resolve escrever um livro contando suas memórias. No início do romance surge uma curiosidade natural nos leitores em saber se Bentinho se fará padre contra a sua vontade ou se irá contra a vontade da mãe. Com o desenrolar da história, o questionamento é se o Dr. Bento se casará com Capitu ou não, seguido do que acontecerá com o casamento deles, devido o ciúme e a desconfiança de adultério. Todos esses questionamentos nos são apresentados a partir da narrador-personagem. Além da verificação de que muitas das decepções de Dom Casmurro foram geradas no seu passado.

Bentinho é um menino órfão de pai, criado por uma mãe superprotetora e presente, “uma boa criatura”.

Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado do marido, tais quais na outra casa. A pintura escureceu muito, mas ainda dá ideia de ambos. Não me lembra nada dele, a não ser vagamente que era alto e usava cabeleira grande; o retrato mostra uns olhos redondos, que me acompanham para todos os lados, efeito da pintura que me assombrava em pequeno. O pescoço sai de uma gravata preta de muitas voltas, a cara é toda rapada, salvo um trechinho pegado às orelhas. O de minha mãe mostra que era linda. Contava então vinte anos, e tinha uma flor entre os dedos. No painel parece oferecer a flor ao marido. O que se lê na cara de ambos é que, se a felicidade conjugal pode ser comparada à sorte grande, eles a tiraram no bilhete comprado de sociedade (ASSIS, 1978, p. 18).

A partir dessa descrição feita pelo narrador, podemos constatar que Bentinho tem certo desapego pela imagem do pai, ele não se refere ao homem como pai e sim como marido de sua mãe. Não há indicações de saudosismos nem carinho, não há elogios a figura de um pai, nem descrições emocionadas, apenas descrições físicas perceptíveis no retrato. Por outro lado, observamos elogios e carinho na descrição da mãe.

Segundo Dias (2007, p. 44), para Freud a infância é a época decisiva na organização da personalidade. Os conflitos deste período determinam a repressão dos impulsos e podem desintegrar a personalidade, podendo gerar os complexos no aspecto afetivo na vida adulta de uma pessoa. Neste sentido, o relacionamento social de Dom Casmurro está baseado na afetividade, diante disso, a insegurança e os medos de Bentinho podem ser consequência do relacionamento afetivo com os pais, principalmente a falta do pai e o apego à mãe.

Bentinho não conseguiu resolver sua situação amorosa com Capitu antes de ir para o seminário, apesar da promessa feita entre eles. Ele ainda não sabia quem era nem a função que exerceria futuramente, ou seja, sua identidade ainda não estava completamente formada, talvez por esse motivo, ao chegar no seminário ele passa a admirar Escobar, pois demonstrava ser seu inverso, decidido e ciente do seu futuro. Desta forma, espelha-se em Escobar e passa a seguir seus ideais e conselhos.

Neste sentido, podemos verificar em Bentinho uma “necessidade” de identificação, de criar sua personalidade, tendo em vista que na infância ele admirava a mãe, a presença dela significava segurança para ele; na adolescência transfere essa admiração para Capitu, ela é seu espelho; no seminário passa a sentir uma grande admiração por Escobar, é um referencial que possui naquele momento (DIAS, 2007). Para ele é como se a personalidade dessas pessoas realçasse seu caráter.

Durante a primeira parte do romance aparecem as incertezas e as dúvidas de Bentinho acerca do relacionamento com a família e com Capitu, seu ciclo existencial e desorganização da vida afetiva e vocacional. Na segunda fase do narrador ele é denominado de Dr. Bento Santiago, já é advogado formado e casado com Capitu. Porém os conflitos das personagens continuam, o ciúme torna-se protagonista da trama.

Dr. Bento é inseguro, apresenta indícios de não se sentir verdadeiramente homem para ser amado por Capitu. Assim, ele tem dúvidas quanto a correspondência do amor de sua esposa, apesar dela o ter esperado sair do seminário para se casarem. Ao contrário dele, ela é

totalmente segura de si, é firme e possui personalidade e opinião própria, o que faz com que ele sinta ciúmes da amada, chegando a acreditar num possível romance entre Capitu e Escobar, que são seus dois referenciais mais próximos.

Ao imaginar o triângulo amoroso, a paranoia e o ciúme passam a corroer aquele que se orgulhava por ser possuidor do objeto desejado por tanto tempo: Capitu. Para Santos (2002, p. 76),

Se analisarmos mais detalhadamente o ciúme, podemos perceber, logo de início, que não se trata de um sentimento voltado para o outro, mas sim voltado para si mesmo, para quem o sente, pois é, na verdade, o medo que alguém sente de perder o outro ou sua exclusividade sobre ele. É um sentimento ‘egocentrado’, que pode muito bem ser associado à terrível sensação de ser excluído de uma relação

Portanto, o sentimento do ciúme não é, necessariamente, sobre o outro e sim sobre si mesmo, ou seja, está associado ao medo que a pessoa sente de perder a exclusividade que tem sobre o outro. Se manifesta em eventuais situações em que, de alguma forma, o indivíduo se sinta ameaçado de ser excluído na relação com o outro.

Para Aragão, Januário e Correia (2017), segundo a Psicologia, existem três níveis de ciúme que o sujeito pode apresentar: o normal, o neurótico e o delirante ou paranoico. O normal é aquele que ocorre quando a pessoa amada dá motivo para o parceiro sentir ciúmes; O neurótico é aquele cujo sentimento de angústia é permanente, a pessoa tem consciência de que seu ciúme é exagerado, mas não consegue controlá-lo; o terceiro caso é visto como o mais grave, pois é aquele onde o indivíduo fantasia uma possível traição podendo ser agressivo e até mesmo cometer insanidades contra o parceiro. A exemplo do último tipo podemos ver na situação em que Bento chegando a querer envenenar o filho por achar que o menino é o fruto de uma relação de Capitu com Escobar.

Os traços do ciúme de Bentinho começam a aparecer de forma mais explícita a partir do capítulo LXXIII, ocasião em que ele fica muito irritado ao perceber que um rapaz que passou à cavalo na rua olhou para Capitu e ela o olhou de volta “O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu e olhou para Capitu, e Capitu para ele” (ASSIS, 1978, p. 89). Com tal acontecimento ele começa a fantasiar várias hipóteses a respeito de um possível relacionamento entre Capitu e o vizinho, chegando a pensar em uma frase dita anteriormente por José Dias:

A vista de José Dias lembrou-me o que ele me dissera no seminário: "Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela..." Era certamente alusão ao cavaleiro. Tal recordação agravou a impressão que eu

trazia da rua; mas não seria essa palavra, inconscientemente guardada, que me dispôs a crer na malícia dos seus olhares? A vontade que tive foi pegar em José Dias pela gola, levá-lo ao corredor e perguntar-lhe se falara de verdade ou por hipótese; mas José Dias, que parara ao ver-me entrar, continuou a andar e a falar. Eu, impaciente, queria ir à casa ao pé, imaginava que Capitu sáísse da janela assustada e não tardasse a aparecer, para indagar e explicar... [...] Há um instante tinha eu desejo de lhe perguntar o que havia entre Capitu e os peraltas do bairro; agora, imaginando que vinha justamente dizer-mo, fiquei com medo de ouvi-lo. (ASSIS, 1978, p. 90).

Com isso, chega à conclusão que o “peralta da vizinhança” indubitavelmente se tratava daquele cavaleiro. Após concluir o suposto romance da amada com o vizinho, ele se trancou no quarto e teve um momento de surto, jurando nunca mais querer vê-la.

Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol. Jurei não ir ver Capitu aquela tarde, nem nunca mais, e fazer-me padre de uma vez. Via-me já ordenado, diante dela, que choraria de arrependimento e me pediria perdão, mas eu, frio e sereno, não teria mais que desprezo, muito desprezo; voltava-lhe as costas. Chamava-lhe perversa. Duas vezes dei por mim mordendo os dentes, como se a tivesse entre eles. [...] A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue... (ASSIS, 1978, p. 90-91).

Essa reação de Bentinho, assim como as outras no avançar da obra, é característica do ciúme no terceiro nível, o delirante ou paranoico. Tendo em vista a fantasia expressa como se fosse a realidade dos fatos, além da reação violenta apresentada por ele.

O chamado ciúme patológico, também conhecido como “Síndrome de Otelo”, em referência ao personagem shakespeariano que sofria desse mal, pode levar a pessoa a cometer atos de extrema agressividade física, configurando aqueles casos que recheiam as crônicas policiais de suicídios e homicídios passionais. (SANTOS, 2002, p. 76).

Sendo assim, a Síndrome de Otelo, pode levar a pessoa a cometer atos de extrema agressividade e desejos de vingança desordenados. Tal comportamento é manifestado por Bento, por exemplo quando ele, por estar abalado com a hipótese da traição, compra um veneno para tomar e depois tentar fazer o filho tomar,

Era tempo de acabar comigo. A mão tremeu-me ao abrir o papel em que trazia a droga embrulhada. Ainda assim tive animo de despejar a substancia na xícara, e comecei a mexer o café, os olhos vagos, a memória em Desdêmona inocente; [...] Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; - mas vá lá, diga-se tudo. Chamem me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.

- Já, papai; vou à missa com mamãe.
- Toma outra xícara, meia xícara só.
- E papai?
- Eu mando vir mais; anda, bebe! (ASSIS, 1978, p. 143-144).

O desejo da morte ou a morte do filho seria uma forma de vingar a traição. Esse desejo de vingança, apesar de ter recuado e não ter tido coragem de dar o veneno ao menino, pois Dom Casmurro expressa uma espécie de sentimento de alívio quando, anos mais tarde, mesmo depois de Capitu já está morta, o menino morre em Jerusalém com uma febre tifoide.

Sendo assim, ao analisarmos a personalidade de Bentinho/Bento percebemos que ele de fato apresenta características típicas de uma pessoa ciumenta, isso pode se dá devido a superproteção da família, tornando-o um indivíduo inseguro e dependente, incapaz de tomar decisões por conta própria e resolver seus próprios problemas, além de ter uma imaginação muito fértil, contribuindo ainda mais para a suspeita de adultério da amada. Visto que, segundo Aragão, Januário e Correia (2017), o ciúme pode ser a manifestação de um profundo complexo de inferioridade de certa personalidade com imaturidade afetiva.

O ciúme toma conta dos pensamentos de Bento Santiago, a paranoia vai surgindo, impulsionando um sentimento que o corrói. A confusão mental, causada pelo ciúme, começa a formar um emaranhado de ideias na mente do protagonista: “Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança.” (ASSIS, 1978, p. 125).

Outra característica do ciúme é a necessidade excessiva de procurar uma forma de confirmar a suspeita da traição, de provar que está certo no seu julgamento. Na obra percebemos que Bentinho procura de todas as formas provar a traição de Capitu e Escobar, valendo-se da história deles para mostrar que Capitu sempre foi dissimulada e, com isso, tem um “caráter duvidoso”, além da semelhança de Ezequiel com Escobar.

Para isso, o narrador, então denominado Dom Casmurro, resolve escrever sua história, ou seja, ao encontrar obstáculos na vida posterior revive acontecimentos da infância. Desse modo, a reconstituição do passado funciona como estratégia que lhe permite argumentar que na menina dissimulada de antes já se conjecturava a mulher “indigna” de depois.

Como uma espécie de estratégia argumentativa, ele narra alguns acontecimentos que corrobora para o tema do “fingimento” de Capitu. O episódio do muro, por exemplo, em que ela consegue inventar uma história para o pai rapidamente, é usado com o intuito de enfatizar em Capitu a arte de mentir e dar outro rumo à conversa.

Já no episódio em que Capitu toma a iniciativa de elogiá-lo e pegar em sua mão ocorre um jogo da malícia, podemos distinguir uma ambiguidade na narrativa: o tom ingênuo de Bentinho, que não compreende o enaltecimento da amiga, chamando-a "maluca"; o fino analista que é o narrador Casmurro trabalha as causas dos comportamentos e as coloca, como quem não quer, na fala do menino. O objetivo dessa dupla perspectiva é promover a identificação do leitor com o primeiro sem que deixe de perceber a insinuação do segundo, insinuando uma manipulação da Capitu.

Dom Casmurro, aproveitando sua estadia no seminário e sua formação como advogado, que lhes proporcionaram um poder argumentativo maior, uma dominação da arte retórica, produz argumentos para confirmar que suas suspeitas de traição estão certas, tendo em vista que, “retórica é, pois, basicamente um método de persuasão, de cujo homem se vale para convencer um grupo de pessoas de sua opinião” (SANTIAGO, 2000, p. 42). Assim, o narrador conta toda a história insinuando um (mau) caráter de Capitu, para justificar a “traição” da esposa.

Para isso, as vezes, ele utiliza da opinião de outra pessoa sobre ela, como uma forma de alegar que não era apenas ele que a via como uma pessoa capaz de traí-lo, à exemplo da opinião de José Dias que ela tem “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”.

[...] são esses os mecanismos predominantes no modo de raciocinar, e, por conseguinte de convencer, não se deve esquecer de que a retórica do verossímil se espraia, ocasionando a certa compreensão particular do comportamento dos outros. Duas atitudes, entre outras, são típicas de Dom Casmurro, quando analisa os que o rodeiam: a) joga a culpa de toda calúnia nos outros, isentando-se aparentemente de qualquer responsabilidade, colocando-se ainda na qualidade de vítima; b) empresta aos outros contradições entre o que chamaremos por enquanto de interior e exterior. (SANTIAGO, 2000, p. 38).

Sendo assim, Dom Casmurro aceita as críticas feitas à Capitu e as usa para fundamentar o caráter e, conseqüentemente, a infidelidade dela. Como ele é o principal interessado em “provar” tal ato, a construção do seu discurso não será neutro, mas parcial, utilizando-se de estratégias argumentativas as quais induzem ao leitor incriminar, de fato, a personagem. Ainda segundo Silviano Santiago,

Dom Casmurro, como bom advogado que devia ser, toma para si a defesa de Bentinho, arquitetando uma peça oratória onde nos afigura de primeira importância seu aspecto propriamente forense (era escrita por um advogado) e seu aspecto moral-religioso (escrita por um ex-seminarista). (2000, p. 33-34).

Os argumentos do Dr. Bento, como narrador possui um fluxo retórico com tendências emotivas, devido sua ligação direta com a narrativa, para agradar/convencer os leitores sobre o seu ponto de vista. Para isso, ele retrata uma espécie de dados acerca da vida de Capitu e da dele, como já citamos. Além disso, ele escreve falando diretamente ao leitor.

Essa aproximação com o (a) leitor (a) é caracterizada pelas escolhas linguísticas usadas por ele, o uso de palavras como “leitor” e “querida” sugere uma estratégia do autor em aproximar sua fala do enunciador-leitor, ordenando a essa terceira pessoa discursiva a refletir sobre o que está apresentando na argumentação:

A leitora, que é minha amiga e abriu este livro com o fim de descansar da cavatina de ontem para a valsa de hoje, quer fechá-lo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida; eu mudo de rumo.” (ASSIS, 1978, p. 132).

Ele fala como uma espécie de desabafo, de proximidade com uma pessoa amiga, ao tempo que produz um argumento reflexivo para o (a) leitor (a). Ele sente a necessidade de convencer logicamente o adultério da esposa. Assim, para Dias (2007, p. 68-69), a narração é feita sob a perspectiva de uma pessoa amargurada, retomando suas memórias e tentando provar a si mesmo e ao leitor a culpa de Capitu, baseado numa trama em que a traição não é explicitada, apenas intuída pelo narrador.

Tendo em vista que o narrador tinha muita imaginação, como ele mesmo fala “A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar” (ASSIS, 1978, p. 56) e não possuía boa memória “Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstancias.” (ASSIS, 1978, p. 74), apenas suas não suficientes para a comprovação da traição de Capitu, não há como comprovar que houve um adultério, de fato.

O narrador nos conta sua versão de um passado sofrido e de um presente solitário “vivo só, com um criado. [...] os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologias dos campos-santos” (ASSIS, 1978, p. 11-12). A incomunicabilidade e o ressentimento são os principais sentimentos da realidade interior de Dom Casmurro, que desiludido com a vida, como nos mostra no início e no fim da obra, faz um regresso da sua história com o objetivo de amenizar suas perdas e/ou exorcizar sua culpa,

Assim, no romance, temos o casamento e a possível infidelidade narrados pelo ponto de vista do marido ciumento, muitos anos depois do provável adultério. Segundo Santiago

(2000, p. 39), “seu problema ético-moral é óbvio, sua reconstituição do passado é egoísta e interesseira, medrosa, complacente para consigo mesmo, pois visa a liberá-lo dessa ‘inquieta sombras’ e das graves decisões de que é responsável.”

Portanto, observamos que a narrativa machadiana faz uma intertextualidade com a obra de William Shakespeare “Otelo”, publicada em 1622, pois a obra retoma a linha temática de Otelo: amor, casamento, traição e ciúme. Pois, além das várias referências, como nos capítulos: LXII - “Uma ponta de Iago”, LXXII - “Uma reforma dramática” e CXXXV “Otelo”, no romance Dom Casmurro surge um novo Otelo que, de posse da palavra, conta ao leitor o seu romance de adolescência que, apesar das dificuldades, evolui até o casamento. Quando acha que foi traído, resolve se vingar da mulher (Capitu) e do filho (Ezequiel), que pressupõe não ser dele, e os envia para a Europa, onde morrem sozinhos. Em Otelo, o estopim para o final trágico foi um lenço, em Dom Casmurro, o gerador da grande polêmica foi os olhos de Capitu.

Além disso, a forma como o ciúme é abordado em ambas as obras, com um protagonista com baixa autoestima e imaginação aguçada cria cena visuais na cabeça da traição, sendo um narrador fingidor. Casmurro seria, então, Otelo “metamorfoseado”, ou seja, podemos notar em Dom Casmurro, a presença de Otelo.

4.2. Capitu: virtude, vícios e vaidade

Bentinho é figura pálida, submisso à mãe, não ousando gestos contrários, um herói problemático; Capitu é uma mulher “livre”, tem reações de mulher inteligente e faz as coisas à sua maneira, é “dissimulada”. No decorrer do romance percebemos que ambos personagens possuem uma ambiguidade, cada um é e não é, parece urna coisa e é outra, encontram-se e perdem-se a cada passo.

Dom Casmurro tem uma ideia fixa da menina, amiga, vizinha, namoradinha, adulta, esposa, traidora: Capitu é a ideia fixa vivida por ele. Seu livro foi escrito relembrando sua vida, mas sua vida está intimamente ligada vida dessa mulher; não há Bento Santiago sem Capitolina. A ideia fixa faz-se presente até na casa de Mata-Cavalos que ele mandou reconstruir no Engenho Novo para tentar trazer de volta o que viveu e buscar Capitu para seu presente.

A casa é um espaço físico que também representa a temporalidade, como uma espécie de desejo de voltar ao seu passado, ele precisa reconstrói sua casa igual a outra, porém, essa nova morada não é igual a antiga, pois nem ele é mais o mesmo homem, nem voltará o doce Bento e seu doce namoro de infância. Ou seja, ele não conseguirá voltar ao passado, nem a Capitu, nem a felicidade, ele somente poderá reviver sua vida mediante sua narrativa.

Neste sentido, percebemos que a patologia, a obsessão e a ideia fixa de Bento é Capitu: o que poderia ter sido e não foi, o amor ferido, a dúvida, o ciúme que não o deixa viver; mas ela sempre viveu presente em sua mente. Por isso ele tenta (se) convencer que fora traído, bem como desmoralizar e desmerecer Capitu.

Capitu, mesmo tendo sua imagem apresentada pelo marido, aparece como uma mulher inteligente, prática, de personalidade forte e marcante, se mostra mais mulher do que Bento homem, como ele mesmo cita, que, diante de algumas atitudes, transgride os padrões impostos pela sociedade da época às mulheres; ao tempo que era vaidosa, tinha ambições e ágil em suas ações. O fato é que Capitu, além de ser uma das personagens mais fascinantes, também é uma das mais inteligentes da literatura brasileira.

A ida dela para o exterior, quando tomou conhecimento que o marido desconfiava da paternidade de Ezequiel e pedir a separação, e seu silêncio concede a ela uma sensatez e amplitude. Pois, acusada pelo marido enciumado, revela-se nobre e orgulhosa ao não responder as acusações de adultério, mostrando sua virtude.

A virtude de cada um é também de persistir no seu ser. A virtude consiste em ter êxito naquilo que se propõe, em tornar-se semelhante àquilo que se espera atingir, que se espera ser. A virtude não é somente determinada pela situação que um ser ocupa no universo mas pela perfeição com a qual ele sabe ocupar este lugar.

A virtude é a recusa das fraquezas humanas. Cada um deve obedecer somente à sua própria natureza (MUZART, 1982, p. 20).

Assim, a virtude consiste na fidelidade a seus princípios. A virtude de Capitu é de perseverar-se no seu ser, em triunfar naquilo que se propôs, a tornar-se semelhante à ideia que ela projetou de si mesma, ao casar-se com Bentinho e viver todas as qualidades de feminilidade, consideradas essenciais para a mulher na sociedade patriarcal.

Mesmo que essa atitude de Capitu não corresponda com suas ações anteriores, de mulher forte que desafia padrões, isso não minimiza toda a sua luta para conseguir o que deseja. Visto que o fato de estar na condição de uma personagem que não tem voz na

narrativa não a impediu de conquistar seu espaço individual e se mostrar sabedora das suas possibilidades.

Através dos seus atos e ações Capitu consegue surpreender, leitores e críticos. De acordo com Soares (2010), é a confirmação do espaço individual na ficção, isto é, Capitu sai da condição de indivíduo que tem suas possibilidades delimitadas por padrões de uma sociedade, para se confirmar enquanto aquela que decide as próprias potencialidades, ganhando voz não apenas enquanto personagem, mas também enquanto mulher.

Depois que a mulher vai para a Europa, Bento tenta esquecê-la na companhia de outras mulheres, estimulado pela vaidade, “vivi o melhor que pude, sem me faltarem amigas que me consolassem da primeira” (ASSIS, 1978, p. 152). No entanto, essa tentativa dele não funciona, ao tentar entender o motivo pelo qual não consegue esquecer Capitu, ele próprio diz:

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Mata-cavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. [...] Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (ASSIS, 1978, p. 153).

Assim, Capitu se mostra ser insubstituível na sua singularidade. Talvez, por isso, nem mesmo o fato de aceitar a proposta de Bentinho e ir para a Suíça, como se estivesse sendo deportada, faz com que Capitu seja menos transgressora. Nesta perspectiva a sua luta para se fazer ouvir não foi fracassada, uma vez que mesmo à distância Capitu se mantém viva nas lembranças e aflições de Bentinho.

Capitu transgredir por crer que a sua opinião e as suas vontades deviam ser ouvidas, por querer se fazer ouvir e que a sua opinião tivesse valor. Essa singularidade é causadora de grande deslumbramento, a ponto de deixar o leitor surpreso e ao mesmo tempo inquieto, no sentido de que Capitu é uma personagem que causa inquietude justamente por ser tão singular e, conseqüentemente, tão transgressora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra **Dom Casmurro**, observamos que a riqueza desta obra machadiana, estimula nos leitores profundo estudo e reflexão, bem como o levantamento de hipóteses das intenções do narrador-personagem do romance. Ele traz muitas discussões e interpretações acerca da traição, ou não, de Capitu. Muitos críticos e leitores em geral acreditam que houve de fato a traição, enquanto outros acreditam que não, o que há é apenas a imaginação e interpretação de um marido excessivamente ciumento; bem como discussões acerca das relações sociais e psicológicas a partir das relações das personagens.

Através de um “olhar” mais aprofundado conseguimos analisar os objetivos e desejos das personagens, conhecendo-os expressos em sua mente, a partir da leitura. Dessa forma, conhecemos seu caráter e até passamos a compreender melhor o seu melhor e sua realidade. Assim, **Dom Casmurro** nos faz lançar esse “olhar” sobre as personagens, sobretudo, sobre Bento Santiago e Capitu.

A personagem Capitu é definida como uma jovem bonita, inteligente, dissimulada e vaidosa. Ao tempo que era “olhada” por alguns personagens do romance e até por leitores e críticos como uma pessoa dissimulada, ambiciosa, com grande poder de persuasão. Porém, não pode ser considerada má, tendo em vista que suas atitudes durante a narrativa não condiziam com as de uma pessoa impiedosa, cruel. Suas atitudes demonstram que é uma mulher forte, de pensamento e atitudes rápidas, é à frente do seu tempo.

Portanto, como resultado da pesquisa, podemos observar que Capitu não é só transgressora, mas também pode ser considerada uma personagem repleta de significação, pois traz consigo valores a se repensar, ou seja, ela instiga o leitor (atento) a refletir sobre outras questões que não sejam somente o suposto adultério. Tendo em vista que aparece questões sociais e psicológicas intrínsecas ao ser humana. Tendo em vista que pelo fato de a narrativa tratar da relação do casal Bento Santiago e Capitu não significa, necessariamente, que a única possibilidade de sentido do romance seja o suposto adultério cometido por Capitu. Em oposição a isso, há várias questões discutíveis, e uma delas é justamente a transgressão cometida pela personagem.

O narrador-personagem, por sua vez, teve uma vida marcada por um permanente estado psicológico e socialmente afetado, devido sua personalidade, por vezes, frágil.

Conseqüentemente, seu pessimismo foi determinante para um desajuste existencial e emocional, resumindo na descrença total do amor de Capitu por ele.

Assim, a obra de Machado de Assis discute questões universais, tais como as motivações, os defeitos e o comportamento humano. Questões essas que, independentemente da época e espaço, continuam muito importantes, pois dizem respeito ao ser humano e isso faz com que as narrativas se (re)signifiquem a cada leitura, uma vez que a cada leitura, uma pessoa se identifica com as ações, comportamentos e até mesmo com os defeitos dos personagens.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Edições Almedina, 2007.
- ARAGÃO, Aucilane S.; JANUÁRIO, Janaíne; CORREIA, Maria G. S. Dom Casmurro: a inocência de Capitu e as estratégias tendenciosas de argumentação de bentinho para condená-la ao adultério. **Revista LitCult**, v. 13, 1º sem. 2017.
- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- BRANDÃO, Márcia de Oliveira Reis. **O narrador-personagem memorialista de Machado de Assis**. Scripta, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 133-145, 2007.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Editora Ática, 2003
- CANDIDO, Antônio *et al.* **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, Antônio. **Esquema Machado de Assis**. in: _____. CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COUTINHO, Afrânio. **A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- DIAS, Edneia Aparecida. **Uma abordagem psicológica do romance Dom Casmurro de Machado de Assis**. Monografia (Graduação em Letras Português/Inglês) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2007.
- LAUREANO, Maria Helena. **A relação narrador e leitor em Dom Casmurro**. Revista contexto, Espírito Santo, n. 15 /16, p. 120-135, 2008/2009.
- LUCAS, Fábio. A condição feminina de Capitu. **Revista Pro-posições**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 183-195, set./dez., 2003.
- MACHADO DE ASSIS - vida e obra. **Cronologia**. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br>. Acesso em: 20/12/2018.
- MOISÉS, Massaud. **O romance**. in: _____. MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. 21 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MUZART, Zahidé L. **Ainda Capitu!** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17710/16286>. Acesso em: 09 jul. 2019.

PATI, Francisco. **Dicionário de Machado de Assis: história e biografia das personagens**. São Paulo: Rede Latina, 1958.

PERROT, Andrea Czanobay. **Machado de Assis e a ironia: estilo e visão de mundo**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SANTIAGO, Silviano 2000. Retórica da verossimilhança. In: Santiago, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco.

SANTOS, Eduardo Ferreira. Ciúme e crime: uma observação preventiva. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 3, n. 2, p.74-77, 2002.

SOARES, Consoelo Costa. O transgredir da personagem Capitu em Dom Casmurro: manifestações de um ser fictício. **Revista Fronteira Digital**, Pontes e Lacerda, n 2, p. 27-51, ago./dez., 2010.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

SHAKESPEARE, Willian. **Otelo, o Mouro de Veneza**. Trad. Bárbara Heliadora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.